

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha
 Anno..... 4800
 Semestre..... 2800
 Trimestre..... 1800

Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA
 Anno..... 83000 | Trimestre..... 28000
 Semestre..... 48000 | Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: A VISITA DE EL-REI Á ESCOLA NAVAL (*cliché de Benoitel*) [⊙ Texto: QUEM É O REI DE PORTUGAL, 14 illustr. ⊙ VISITA DE S. M. EL-REI Á ESCOLA NAVAL, 1 illustr. ⊙ A 10.ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL EM LISBOA, 3 illustr. ⊙ UMA FESTA NA LEGAÇÃO DE HESPANHA, 2 illustr. ⊙ COMO NOS VENCEMOS NO GUAMATO, 20 illustr. ⊙ EXPOSIÇÃO DE ARTE FEMININA, 4 illustr. ⊙ UMA GARDEN-PARTY NA QUINTA ALEGRE, 9 illustr. ⊙ A EXPOSIÇÃO DE CARLOS REIS NO SEU ATELIER, 5 illustr. ⊙ AS CRUZES EM BARCELLOS, 14 illustr. ⊙

Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Única Qualidade

A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada.—Proprietaria das fabricas do PRADO, MARIANA E SOBREIRINHO (Thomar), PENEIRO E CASAL D'HERMIO (Louza), VALLE MAIOR (Albergaria-a-Velha), Escriptorios e depósitos: 270, Rua da Princesa 270—LISBOA. No PORTO: Rua de Russos Manuel, 40 e 51. Endereço telegraphico: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto—Lisboa. Numero telephonico: 508.



SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos
Afirmosados. Fortificados com as

"Pílules Orientales"

O unico producto que em dois meses assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum à saúde. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

1. Rua, Pharmacia, 5, passage Verdosa, Paris. Frasco com instruções reis 1200

Venico, para valle do correio enviado a :
J. P. Bastos & C.º, Rua Augusta, Lisboa.

O THESOURO DA CABELLEIRA

Antiseptico
Regenerador
Perfume delicioso

PETROLEO HAHN

MARCA DE FABRICA



Evita a Queda dos Cabellos

Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quaisquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.

F. VIBERT, Lyon (França)

DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS.

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., braches a 800 rs., brincos a 15000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 45000 rs. 96, Rua de Santa Justa, 96
Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. (Junto ao elevador) LISBOA

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

Preço 400 réis

36 medidas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agrícola de Lisboa

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANCK



Contra **FALTA de APPETITE — PRISÃO de VENTRE OBSTRUÇÃO — ENXAQUECA — CONGESTÕES**

SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, sem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomou nas refeições e excite o appetito.

Exijam a Estiqueta junta em 4 Cores.
T. LEROY 96, Rue d'Anversdam, Paris e todas Pharmacias.

LOCAO DE QUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelullo
L-DEQUEANT, Pharmacia 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve asdir para todas as informações gratuitas
A Venda se torna as boas casas do PORTUGAL.

ZEISS

BINOCULOS

COM AUMENTO DE RELEVO NAS IMAGENS



Distancia objectiva ampliada

NOVOS MODELOS

Para viagem, sport, caça, exercito, marinha

As vantagens determinantes da acceitação lograda pelos binoculos **ZEISS** ou seja grande intensidade luminosa, seu excellent alance, sua estabilidade, o campo do seu objectivo, a precisão com que estão construídos, a sua resistencia a todos os climas foram consideravelmente augmentadas nos modelos recentes. Peçam-se prospectos T. 77.—A venda em todos os estabelecimentos de optica e por

Berlim
Frankfurta M.
Hamburgo

CARL ZEISS
JENA (Alemanha)

Londres
St. Petersburgo
Vienna

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!

Peçam as amostras das nossas todas novidades de primavera e de verão para vestidos e blouses: Surah cheoron, messaline ombre, armure granite, Louisiane, Taffetas, Mousseline, 120 cm. de larg. a p. ruir de fr. 1,25 o metro em preto, franco, liso e modelado assim como as blouses e vestidos em batiste e seda bordada.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.º, Lucerne E. 12.

SUISSA

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 300 rs.

Colocação de dentes desde 1500 réis.

Consultorio odontologico-dentario, R. das Chagas, 42, 1.º (Ao Calhariz)

TELEPHONE 1:882

QUEM É O REI DE PORTUGAL.



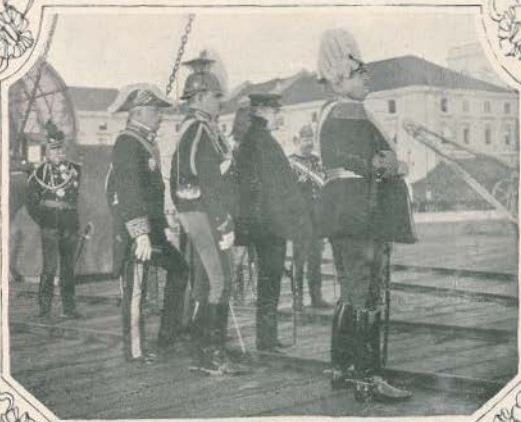
(Continuação do n.º 117)

Morto prematuramente de desastre em 13 de julho de 1842, em Neuilly, o duque d'Orléans, Fernando Filipe Luiz Carlos Henrique, casou no castello de Fontainebleau, a 30 de maio de 1837, com a princeza Helena Luiza Izabel de Mactlemburgo-Schewerin.

Para traçar o retrato d'este principe infeliz, morto na flor da juventude e cuja falta, durante a vida inteira, a sua nobre viuva havia de chorar com inconsolaveis lagrimas de

A chegada do duque dos Abruzzos, filho do rei Amadeu de Saboya e sobrinho da rainha D. Maria Pia, ao Paço de Villa-Viciosa. (Janeiro de 1908).

(CLICHÉ BENOLIRL)



El-Rei D. Carlos, S. A. o Principe Real D. Luiz Filipe e S. A. o Infante D. Manuel aguardando no Arsenal sr. capitão Roçadas, de regresso da expedição ao Cuamaio (Dezembro de 1907).

(CLICHÉ A. NOVAES).

amôr e de saude, basta a transcripção d'estas linhas, escriptas pelo primogenito ao irmão mais novo, o duque de Nemours: «*Bem fizeste em não querer imitar o exemplo dos generaes que, em Luneville, como em toda a parte, só se preocupam com os officios e os soldados para os commandar, quer dizer para obter d'elles o que sempre se tornou mais ou menos desagradavel ao homem: a obediencia. E' preciso nunca esquecer que na tua qualidade de principe debes ter uma mais nobre aspiração: a de tor-*

mares amado's E n'uma outra carta, ao mesmo irmão predilecto, aconselhando-lhe o casamento, o joven duque escreve: «só o homem honesto é um homem feliz». Como estamos longe d'esses principes tyrannicos, escandalosos e libertinos, que a cada pagina da historia se nos deparam, impertigados de orgulho e de arrogancia! Narrar a historia da familia Orléans durante o seculo XIX equivale a escrever, sob uma fórma romantica, um tratado de moral.

Do casamento d'amór de Fernando de Orléans com a princeza lutherana Helena de Macklemburgo, parenta d'esse grande Carlos Augusto, que fizera de Weimar a Athenas da Alemanha, rodeando-se de homens como Schiller e Goethe, ficaram dois filhos:

O conde de Paris, Luiz Filipe Alberto d'Orléans, nascido em 24 d'agosto de 1838.

O duque de Chartres, Roberto Filipe Eugenio Fernando d'Orléans, nascido em 9 de novembro de 1840.

O artigo admiravel que Eça de Queiroz dedicou ao estudo da personalidade moral do conde de Paris, pae de S. M. a Rainha D. Amelia, não permite a um escriptor portuguez retomar a biographia do neto de Luiz Filipe. A vida do conde de Paris e de seu irmão o duque de Chartres são o resumo de todas as qualidades, talentos e virtudes

dos antepassados. Em ambos persiste a bravura hereditaria da raça e se desenvolve e progride esse dom eminentemente social da familia Orléans, que lhe permite acompanhar toda a evolução do espirito moderno. Em 1858, o duque de Chartres, então com dezoito annos, bate-se nos exercitos de Victor Manuel pela unidade italiana. Os soldados francezes vêem, montado n'um cavallo branco, carregando á frente dos esquadrones piemontezes, n'um desvario heroico, o principe imberbe, «que quer honrar a França». Em 1861, é no exercito de Potomac, commandado pelo general Mac-Clellan, que surgem ambos os netos do rei Luiz Filipe, a acompanhados por seu tio o principe de Joinville, batendo-se pelo trium-

pho de uma causa que tinha como lemma humanitario a abolição da escravatura. Em 1870, quando rebenta a guerra com a Prussia, todos os principes d'Orléans se offerecem para combater pela patria. Napoleão III recusa-lhes os servicos. O principe de Joinville consegue entretanto penetrar em França com o nome de coronel Lutherod, distinguindo-se nos combates d'Orléans. Reconhecido, é obrigado a regressar a Inglaterra, ao mesmo tempo que o duque de Chartres, mais feliz que seu tio, faz por sua vez a campanha com o nome de Robert le Fort, sem que consiga des-



A Familia Real assistindo ao concurso hippico de 1907, realizado na Real Tapada da Ajuda

(CLICHÉ DE BENOLIEL)



A Familia Real assistindo ás corridas de automovel em Vallada (1906)
(CLICHÉ DE A. NOVARS)

vendar-se o seu bellicoso incognito.

Os dois irmãos revivem assim a mocidade soldadesca do avô, do pae e dos tios, para acabarem como elles na quietação pacifica das sciencias e das artes, creando os filhosno mesmo culto do dever e da honra, alliando as filhas, inalteravelmente virtuosas, aos principes das casas reinantes, e extinguindo-se com a serenidade dos justos, de bem com Deus e com os homens.

D. MANUEL HISTORIADOR. D. MANUEL VIRTUOSO. VILLA VIÇOSA. NAS VESPERAS DA REALÇA

Que admira que El-Rei D. Manuel tenha herdado, com o sangue do bom Luiz Philippe, essa seiva artistica, commum igualmente aos Braganças e ainda enriquecida pelo requinte italiano dos Saboyas? Todas as manifestações d'esse caracter precocemente grave estão na logica da hereditariedade. Os exemplos da familia bastavam para estimular a sua noble ambição de ser alguma cousa mais do que um Infante subsidiado pela lista civil. As viagens aventurosas emprehendidas por seu tio o principe Henrique d'Orléans ao Thibet, ao Tonkin e á India, em companhia de Bonvalot e de Emilio Roux; as expedições ao Monte Santo Elias e ao Polo Norte de seu primo o duque dos Abruzzos; o cruzeiro de seu tio o duque d'Orléans nos mares da Groelandia tinham impressionado profundamente a imaginação do juvenil aspirante de marinha e desenvolvido no seu espirito esse criterio salutar da utilidade social, tão pronunciado na familia de sua Mãe.

Havia dois annos que o Infante D. Manuel emprehendera a monographia sobre Villa Viçosa, e n'esse trabalho de investigação paciente, para o qual estava reunindo materias, se revela a sua capacidade methodica e laboriosa. Era, por certo, dos Orléans, que lhe vinham essas disposições de historiador, tão adversas aos espiritos superficiaes pelo que demandam de perseverança e de reflexão ponderada. Em Cintra, com o seu

professor de historia, o padre Fiadairo, passava horas a classificar apontamentos, com um escrupulo que teria merecido a admiração de Alexandre Herculano, o grande

amigo de seu tio avô D. Pedro V. Em Villa Viçosa viram-no entretdo a transcrever inscrições, insensível ao sorriso dos dignitarios, como um pequeno sabio tresmalhado na cõrte de um grande senhor sybarita, cujo forte temperamento tanto se comprazia na actividade muscular das partidas de caça. N'essas excursões venatorias, o Infante, ao contrario de seu irmão, que herdára de seu pae, o Rei D. Carlos, a pontaria admiravel, era mais um devaneador, contente

de aspirar o ar puro da manhã, rescendente a urzes e giestas, do que um inimigo perigoso das perdzies e dos coelhos. Vestissem-lhe a casaca de velludo escarlata e a vestia de setim bordada a matiz, empoassem-lhe os cabellos, pendurassem-lhe ao pescoço, sobre a camisa de rendas, a cruz de Christo, e far-se-hia reviver o principe D. José, o amigo do duque de Lafões, cujas feições tanto

se parecem, no retrato existente no Ministerio dos Estrangeiros, com as do actual Rei de Portugal! Não faltava mesmo ao Infante esse ar de instinctiva e serena magestade, que Beckford notou no Principe do Brazil, e que, na phrase feliz do seu professor de musica, o incluíam entre esses seres privilegiados a quem Maeterlinck chama *les avertis*.

Poucos como Rey Colaço, o artista illustre e erudito, a quem foi confiada a educação musical de D. Manuel, penetraram tão a fundo n'esse caracter complexo do Infante, que era ainda, até ha bem pouco tempo, um enigma para muitos dos dignitarios da cõrte. A musica — ninguém o ignora — foi sempre a grande, a absorvente paixão do Infante D. Manuel. «O que seria de nós se não existisse a musica!» — exclamava, n'uma crise de melancolia, n'elle frequentes, ao sentarse uma noite ao piano. Essa camaradagem artistica ligára intimamente o professor e o discipulo. Diante de Rey Colaço, deixando correr pelo teclado as suas formosas e pallidas mãos, o In-



D. Thomaz de Mello Breyner

(Mafra.)

Metico da Real Camara

(CLICHÉ BOBONE)



Major Garcia Guetristo
ajudante de campo
de El-Rei

fante desvendava todos os segredos do seu temperamento devaneador e sensibillissimo de artista. Desde muito novo que D. Manuel professava

dia de trabalho, enchia de melodiosos accordes a sua sala de musica.

No paço das Necessidades, em

redor de um rei militar, que herdára, se bem que em menor grau, o temperamento musical dos Braganças e, nas horas vagas, depois de visitar um quartel, não desdenhava sentar-se ao piano para cantar uma *romanza*; entre essa côrte de soldados, de fidalgos e de artistas, onde destaca a grande figura moral do conde de Sabugosa, D. Manuel encontrára tres devotos da musica: a sua aia illustre, D. Izabel Saldanha da Gama, que fôra a iniciadora, a sua primeira professora de piano e em cuja familia ha uma successão de grandes cantoras, o major Garcia Guerreiro e D. Thomaz de Mello Breyner, filho do conde de Mafra e medico da real camara. Assim conseguiu o Infante organizar, no regresso do Egypto, um primeiro concerto, para o qual Jorge Colaço desenhou o programma e em que o proprio Rei — amoro-sissimo pelos filhos — accedia em tomar parte. Essa paixão pela musica tão accentuada em D. Manuel,

um horror instinctivo pela vulgaridade, que tão bem condizia com a aristocracia da sua intelligencia e do seu sangue. Os *banais* não serão nunca — d'isso temos a certeza — os companheiros predilectos d'este Rei, que já aos quinze annos, no dizer pittoresco do seu professor de musica, «tinha um desdem absoluto pelos nocturnos sem sabordões, *pluies de perles*, cantos de rouxinoes e toda essa litteratura *cursti*, que satisfaz ainda as necessidades estheticas de muitas salas...»

Com motivo se lhe pode applicar a linda phrase que Manuel Ramos encontrou para definir as predilecções requintadas do primogenito: «em arte andava pelas cumiadas».

Os choraes de Bach, a sonata em dó sustenido menor de Beethoven, as *Scènes d'enfants* de Schumann, os preludios, as valsas e as mazurkas de Chopin, os *impromptus* de Schubert, muitas das composições de Mozart — por quem tinha um apaixonado culto — faziam parte do seu repertorio favorito. Na execução de qualquer trecho musical, elle punha a intelligencia penetrante e a elevada poesia de sentimento, que são o segredo de certas naturezas privilegiadas de *virtuosos* e que tanto envaideciam o professor n'essas lições nocturnas em que o Infante, depois de um



O Successor . . .

O ultimo cliché d'El-Rei D. Carlos

admiravelmente traduz o urdimento sentimental d'essa alma de artista, que qualquer emoção agita e cuja ternura caprichosa tanto condiz com a pensativa tristeza, e a precoce gravidade do estudante de historia, a quem o padre Fia-deiro fazia copiar, ao fim das lições, os cantos dos *Luziadas*. Sentimental, mas d'esse

sentimentalismo português, melancólico e devaneador, que o integram na prestigiosa dynastia dos românticos, D. Manuel tinha, aos quatorze annos, uma predilecção singular pelas marchas fúnebres, que preoccupava e entristecia a Rainha. Assim que conseguira executar com emocionante sentimento a marcha fúnebre da sonata em *lá* menor de Beethoven, a marcha fúnebre de Chopin, a *romanza* em *mi* menor de Mendelssohn—que, instrumentada por Moscheles, foi executada no enterro do proprio Mendelssohn—e a marcha fúnebre da *Sonata Heroica* de Beethoven.

Esse romantismo político, que o novo Rei tem revelado no throno, desde os primeiros impulsos generosos de clemencia e as austeras resoluções na administração da sua casa, até á contagiosa emoção com que accentuou, na formula do juramento e nos discursos da proclamação e da abertura das côrtes, os protestos solemnes de amor pelo seu povo e de respeito pela lei; esse romantismo á D. Pedro V, que faz da realeza um sacerdocio,

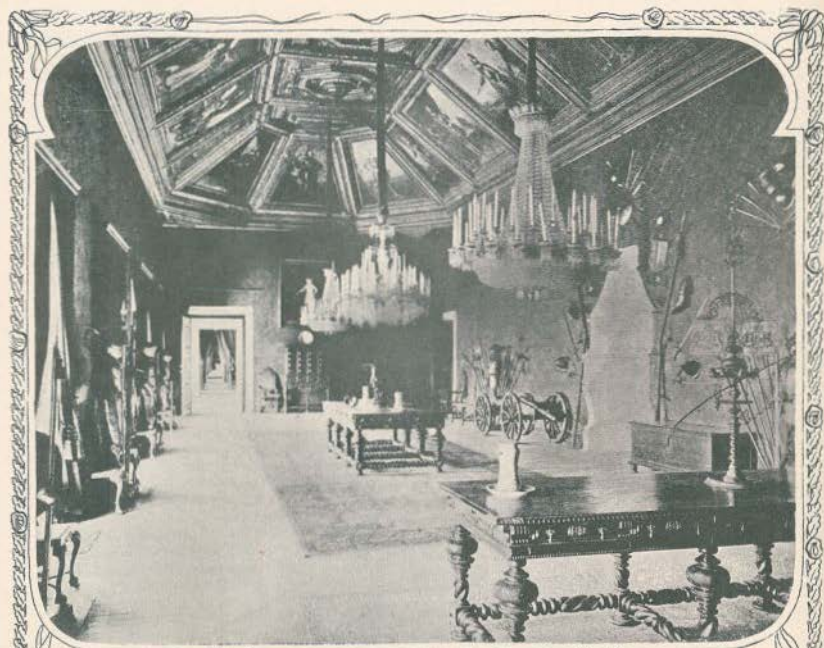


não o implantou, como uma semente arrojada pelo vendaval, no seu coração sensível, o espectáculo da tragedia medonha em que o Rei seu pae e o Principe seu irmão cairam, como victimas expiatorias. Esse romantismo já lá estava, perfumando a alma do adolescente com as suas flores de sonho e de tristeza, como se a Providencia o houvera desde o berço destinado para ser o rei austero e triste, o novo D. Duarte, de um povo que a adversidade entristeceu de pessimismo e de azedume.

Tendo, até tarde, conservado o aspecto exterior de uma creança, pode dizer-se que D. Manuel se desenvolvera, com uma precipitação predestinada, durante o periodo tumultuoso da dictadura, como se a natureza se apressasse em preparal-o para o surpreendente destino que lhe estava reservado. Esse desenvolvimento acelerado impôz-lhe uma pallidez maior á face imberbe, que aos olhos ignorantes o fez passar por debil. Contudo, esse principe pallido fatigava o mestre



D. Manuel e seu irmão D. Luiz Filippe n'uma espera de caça, em Villa Viçosa
(CLICHÉ DO SR. JOSÉ PINTO DOS SANTOS)
— Palacio dos duques de Bragança em Villa Viçosa



A sala dos Duques, no paço de Villa Viçosa

d'armas nos assaltos á espada e a sua resistencia aos excessos de trabalho confirmava a energia voluntaria de uma compleição nervosa, insensível ao cansaço, incapaz de deter-se em frente a um obstaculo, resoluta diante do perigo e capaz das decisões fulminantes dos fortes. a

Um dia, no picdeiro de Belem, onde ambos os principes davam a lição de equitação, D. Luiz Filippe cae desastradamente do cavallo, perdendo os sentidos. No meio da desorientação geral, D. Manuel, que não perdera a calma, galopa sósinho para as Necessidades, a levar a noticia do desastre e a



Dois Reis
D. Carlos I e D. Manuel II
(CLICHÉ DO SR. JOSÉ FINTO DOS SANTOS)

chamar um medico do paço. Nas veias d'esse musico poetico corre ainda o sangue energico dos antepassados, filhos fortes dos seculos da acção. Romantico, elle tem o brio zeloso dos caracteres integros. O seu ultimo anno de Infante é um anno laborioso, de trabalho encarniçado e persistente. Elle não quer ser, entre os futuros camaradas da Escola Naval, o que menos sabe, e quando, em Villa Viçosa, a familia real decide prolongar a sua villegiatura, D. Manuel obstina se em partir para Lisboa, a retomar as suas lições de mathematica e sciencias naturaes com os professores Fon-

toura da Costa e Virgilio Machado. Vendo-o em Lisboa, o Príncipe Real, que idolatrava o irmão e se correspondia assiduamente com elle, escrevia-lhe, gracejando: «o mano a estas horas, ahí sósinho, já se considera regente». Entretanto, no paço das Necessidades, esse *regente* era apenas um estudante applicado e laborioso, absorvido pelos seus problemas de mathematica, e que se preparava para comparecer dignamente entre os seus camaradas e honrar o seu curso.

A 25 de janeiro — um sabbado — D. Manuel fôra pela ultima vez a Villa Viçosa vi-

sitar seus Paes e seu Irmão, voltando a Lisboa na segunda-feira seguinte. Para poder fazel-o sem prejuizo das lições, tivera aulas no dia de S. Vicente, em que esteve na Escola Polytechnica, visitando no regresso ao paço os condes de Sabugosa, cujo palacio, a Santo Amaro, povoado pelas grandes sombras historicas dos Cesares, de ha muito mostrára desejos de tornar a vêr.

Assim, enquanto a dictadura delirante encaminhava o drama politico para o seu desenlace pathetico, o futuro rei, sob a rigorosa disciplina de Kerausch, curvado so-



Em Villa Viçosa
De regresso de uma caçada
(Janeiro de 1908)

(CLICHÉ DO SR. JOSÉ PINTO DOS SANTOS)



Cinco dias antes do regicídio
*O ultimo grupo da Família Real tirado em Villa Viçosa
pelo sr. José Pinto dos Santos, a 27
de janeiro de 1908*

bre os compendios, estudava... A visita do duque dos Abruzzos mais viera radicar no seu brioso caracter esse vehemente desejo de salientar-se, de servir a humanidade e a sciencia, de manter com nobres açções a sua

gerarchia de principe. Impressionara-o esse primo ainda juvenil, de energicas feições e face glabra de patricio romano, que fizera falar de si o mundo inteiro com as expedições aventurosas ao polo e ás montanhas da Lua.

Já quando fôra da chegada do capitão Roçadas e da expedição ao Cuamato, vira-se o Infante D. Manuel, na ponte do Arsenal, ao lado do Rei seu pae e do Principe Real, nervoso e pallido de irreprimivel commoção.

lhe para traduzir o dialogo da scena 3.^a do III acto do *Othello*. Foi tal, porém, a sua repugnancia pela figura execravel de Iago, que D. Manuel propoz ao professor o limitar-se a traduzir só a parte de Othello...



D. Manuel n'uma caça-

da em Villa Viçosa

Toda a belleza moral, a do heroismo como a da bondade, fazia vibrar até aos mais profundos sedimentos o seu coração sentimental e romanesco, de uma sensibilidade feminil. Em creança, todo o ouro que lhe davam logo se sumia n'uma caridade prodiga, inconsciente. Quando, em S. Pedro do Sul, aos quatro annos, se avistára com as primeiras creanças pobres, descalças e rôtas, a sua surpresa foi de tal fôrma intensa, que só abrandou n'uma crise convulsiva de chôro. A grosseria e a violencia eram-lhe odiosas, não encontravam justificação perante a sua consciencia delicada. No dia 1 de fevereiro — horas antes do attentado — o seu professor de inglez, Alfredo King, dera-

O Infante podia recusar-se então esse sacrificio. O Rei de hoje, não. E' -lhe necessario conhecer em todos os pormenores essa figura sinistra. Grave-a bem na memoria El-Rei. Quantas vezes, no decurso da vida, ella lhe não apparecerá, com lisonjas de cortezão, colleante como a serpente, perfida como a traição, calumniando, mentindo, corrompendo, devastando, sob apparencias gentis de um fidalgo perfeito ou sob as doçuras seraphicas de um intrigante de officio...

C. MALHEIRO DIAS.

(*Continua*)

VISITA DE S. M. EL-REI Á ESCOLA NAVAL



Sua Magestade El-Rei e o corpo docente da Escola Naval porçocastão da sua visita áquelle estabelecimento, realisado no dia 22 de maio de 1908.

Aos lado direito do sr. D. Manuel o director da Escola e ao lado esquerdo o ministro da marinha

(CLICHÉ DE BENOJIEL)

A 10.^a CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL EM LISBOA



Já no numero anterior da *Ilustração Portuguesa* publicámos duas photographias da sala de trabalho e da escada principal, com o grupo allegorico que a decora, do palacio do Calhariz, onde está actualmente realisando as suas sessões a 10.^a conferencia telegraphica internacional, além de outras referentes á excursão dos delegados dos diversos paizes a Cintra.



A excursão a Setubal
Um grupo de excursionistas no Outão—A camara municipal de Setubal, onde se realizou o almoço: partida para o Outão—Uma parte dos congressistas com algumas das crianças do Sanatorio

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

UMA FESTA NA LEGAÇÃO DE HESPANHA



O banquete na legação hespanhola no dia do anniversario de Affonso XIII: No primeiro plano (da esquerda para a direita) conde de Jimenez y Molina, conde de Sabugoza, conde de S. Luis, conselheiro Teixeira do Amaral, infante D. Affonso, condessa de Jimenez y Molina, conselheiro Wenceslau de Lima, capitão Senna

O NOVO MINISTRO DE PORTUGAL NO BRAZIL

DEVEM ter chegado a estas horas ao Rio de Janeiro, para onde embarcou no dia 18 no *Asturias*, o novo ministro que Portugal acreditou junto do governo da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

Funcionario de carreira dos mais distinctos e, anteriormente a esta nomeação honrosissima, ministro de Portugal em Haya, o sr. conde de Selir é irmão do visconde de Alte, nosso ministro em Washington, e já exerceu na legação do Brazil as funções de primeiro secretario.

Sucedendo ao sr. conselheiro Camello Lampreia na representação de Portugal no Brazil, o qual alli



Sr. conde de Selir

deixou as mais fundas saudades e as mais arreigadas dedicações, o sr. conde de Selir, não só pessoalmente como pela dignidade de que vae investido, merece o respeito da colonia portugueza do Rio de Janeiro, que provará, estamos certos d'isso, que as nossas fraternas desavenças, suscitadas por um equívoco lamentavel entre os portuguezes do Brazil e os portuguezes de Portugal, não embaciaram o seu culto fervoroso da Patria, nem lhe podem aconselhar um desacato que seria, n'este momento, para ella, uma deshonra.





Forte D. Luiz de Bragança: Ao
(Continuado do n.º 116)

XIII

A primeira marcha do regresso

N'esta mesma tarde de 10 de outubro, pelo meio dia partiam, em direcção ao forte Roçadas, a 1.ª companhia europea e a 10.ª de Moçambique escoltando quasi todos os carros, bem como os serviços administrativos. Foi tambem uma das metralhadoras com o seu bravo commandante, o tenente Silva Nunes, devendo as trez restantes ficar nos postos militares. Acompanhavam estas forças os auxiliares e o tenente Teixeira Pinto,

erguer o mastro da bandeira
(CLICHÉ DO ALFERES VELLOSO DE CASTRO/
chefe do concelho do Humbe, que iam fazer razzias no Cuamato Pequeno. As companhias deviam na volta escoltar um comboio de viveres para a occupação.

Como o posto militar já estivesse construido, a sua guarnição ficou lá instalada n'esta tarde. Era assim composta: Commandante: alféres da 1.ª companhia europea Durão, um pelotão de 80 praças da 10.ª indigena, e uma peça B. E. M. 7^{cm} com um sargento e cinco soldados d'artilheria.

A ordem do dia dava por terminada a missão da columna n'aquella região e marcava a partida para a madrugada do dia seguinte.



Missa campal no Pembe

(CLICHÉ DE MARINO F. POLLATOS).

Nalóique: *Construção do forte Eduardo Marques*

N'essa noite a alegria foi grande, pela idéa de que a columna já tinha cumprido o seu dever e ia iniciar a sua marcha de regresso.

Até os nossos pretos organizaram um grande *batuque*, em que os principaes instrumentos eram latas e caixotes nos quaes batiam com toda a energia, dançando furiosamente ao som da «harmônica» musica.

Na embala tambem houve um monumental *batuque*, em que os negros cheios de entusiasmo entoavam louvores ao seu novo chefe, acabando tudo, como sempre, n'uma enorme bebedeira d'aguardente.

O sóba rejubilava com as estrepitosas manifestações dos seus subditos e, possuido da sua auctoridade, entendeu que o seu nome era pouco para um rei; por isso accrescentou-lhe a palavra Cambungo, que quer dizer *o lobo*, passando a chamar-se *Cambungo Popiène*.

O facto é que a satisfação era geral, e cada um de nós adormeceu, n'esta noite, ansioso porque despontasse a madrugada, em que começaríamos a approximar-nos d'aquelles que nos são queridos!

Na madrugada de 11, fizemos as nossas despedidas áquelles que ficavam de guarda á nossa gloriosa Bandeira, que já tremulava n'um baluarte do posto mais ao sul do nosso dominio na costa occidental d'África; ás cinco e um quarto punhamo-nos em marcha.

*Construção do forte D. Luiz de Bragança**Capitão Ramos da Silva*

gante para quem vinha de pauperado pelas inclemencias do clima e pelas vicissitudes do tempo de guerra.

Por isso, quando chegámos proximoamente a meio da etapa, o governador mandou fazer alte, a fim de dar um pequeno descanso ás tropas.

Estavamos á beira de uma *cacimba*, rodeada de arvores frondosas que brotavam d'uma elevação do terreno, sitio por signal bem pittoresco. Tinha sido aquelle um dos pontos d'onde mais fogo nos tinham feito os cuamatos, repellidos então pelos tiros da Canet e da companhia de guerra.

Ali se comeu o parco rancho frio que fôra distribuido na vespera.

Depois d'um quarto d'hora punhamo-nos de novo a caminho, entrando no cercado da Embala do Cuamato Pequeno pouco depois das nove horas.

Durante esta marcha, como nas seguintes, caminhava á frente o nosso querido chefe do Estado-Maior, com o fim de fazer o levantamento do itinerario seguido; accompa-

*Damequero: Bivouac da columna no regresso*



Aluendo: *Descanço no regresso.*
Na face direita
a companhia de guerra

razões o estado sanitario não era muito bom e já tinham fallecido algumas praças em resultado de doenças.

A 14, a chegada d'um grande comboio vindo do Forte Roçadas, trazendo os mantimentos para os postos militares dos dois Cuamatos, veio amenisar um pouco a situação. A partida foi annunciada para a manhã seguinte.

O forte D. Luiz de Bragança ficava sob o commando do capitão Domingos Patacho e tendo como guarnição: a 1.ª companhia europea, a 10.ª de Moçambique, o 2.º esquadrão de dragões e uma peça Canet e outra B. E. M. 7^{em}, com as respectivas guarnições, formando uma secção sob o commando do alferes Angelo.

Contudo, dois pelotões da 10.ª, sob o commando do tenente Silva Paes, e o 2.º esquadrão de dragões acompanhariam a columna e só depois da sua chegada ao Cuné regressariam áquelle forte, seu novo quartel.

Cinco «étapas» em trez dias

Na madrugada de 14, tendo-se feito um ultimo adeus aos companheiros que alli ficavam, iniciou-se a marcha, indo acampar na Inhóca.

Passaram-se as *cacimbas* de fóra, passaram-se os *arimos* do *soba*, a matta d'espíneiros, onde agora já



O jornalista Simão
Laboreiro

havia um largo caminho completado nas passagens successivas dos comboios, chegando-se por fim á extensa *chana*, cujo *capim* tinha ardiado quasi todo, mas onde a herva já vinha rebentando viçosa, dando-lhe o aspecto d'um trigal, dias depois da sementeira.

A' Inhóca chegámos depois do meio dia.

Traziamos uma sede ardente, causada pela marcha a través da extensa clareira, sob o calor tropical da manhã, por isso a agua das magnificas *cacimbas* foi deliciosamente apreciada.

O resto do dia passou-se bem, n'aquelle aprazível sitio, e dormimos descansados, embora se não descurasse o serviço de vigilancia.

Foi n'uma só etape que fizemos a viagem para o Dámequéro. O caminho estava lindo. Os raios do sol, coando-se por entre as arvores, faziam brilhar os rebentos vermelhos do *mutiati*, marcando uma nota vigorosa no tom verde escuro da ramagem.



Descanço do quartel general proximo do Aucongo
(CLICHÉS DO ALFERES VELLOSO DE CASTRO)



Caminhávamos sobre um verdadeiro tapete de relva, que amortecia o som das patas dos nossos cavallos.

As chuvas tinham transformado as partes mais baixas do terreno em verdadeiras lagoas, onde os patos bravos se deliciavam, procurando compensar-se dos mezes de estiagem. Parecia que atravessávamos um parque de caça, como os ha em França.

Assim chegámos ao Aluendo, o historico sitio onde se ferira o terrivel combate, que por certo foi aquelle em que o inimigo aproveitou, em nosso desfavor, maior percentagem dos seus tiros.

Ahi tivemos um descanso, durante o qual

visitámos as sepulturas dos nossos companheiros, que, como dissémos, tinham sido violadas. Encontrámos os ossos do tenente Prats dispersos, a distancia da cova. Foram identificados

pelo medico que verificára o obito, o qual os reconheceu pela natureza do ferimento.

Recolheram-se religiosamente uma a uma essas pre-

ciosas reliquias, e mais tarde foram enterradas no Forte Roçadas, sob um pequeno mausoléu, modesto sim, mas mais do que sufficiente para avivar as nossas saudades por aquelle malogrado companheiro.

Proseguimos a marcha, e quando chegavamos proximo do Damequero, avistámos ao longe, por entre o arvoredo, o azul e branco da nossa bandeira, hasteada no posto. A guarda formada n'um dos baluartes prestou as honras do estylo.

O capitão Carrilho fizera importantes innovações, havendo já umas cazernas, ainda que rudimentares, um deposito de viveres e uma

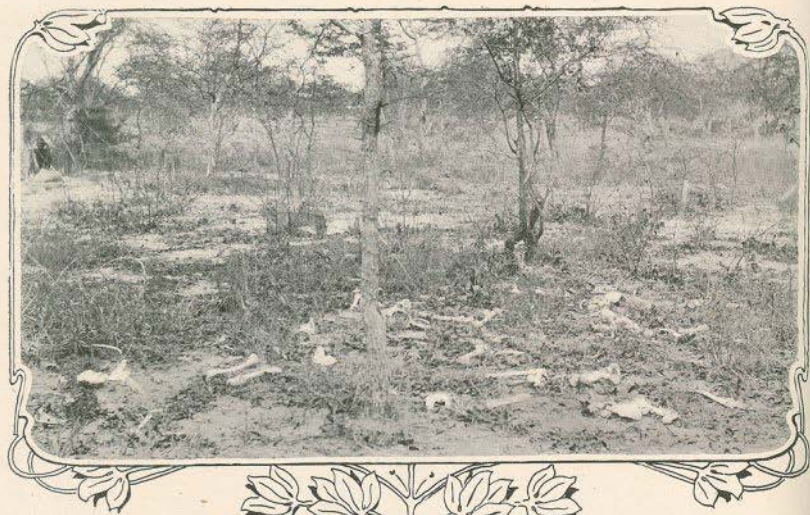
cabine, onde funcionava já o telephone em communicação com o Forte Roçadas.

Foi ahi que foi installado o medico Fonseca Costa, já bem definhado pelo mal que

mais tarde lhe causou a morte e que não teve outra proveniencia senão o excesso de trabalho d'aquelle bondoso companheiro no cumprimento da sua espinhosa missão.



Um aspecto das ossadas do desastre de 1904, na orla do matto, como foram encontradas (CLICHÉ DE MARINO F. POLLATOS)—A companhia de marinha assistindo á missa campal no Fembe (CLICHÉ DO ALFERES VELLOSO DE CASTRO)—O monumento commemorativo que ficou no Fembe (CLICHÉ DE MARINO F. POLLATOS)



A guarnição do posto foi substituída por dois pelotões da 14.ª d'Angola, sendo também rendidas as guarnições da metralhadora e da peça de montanha. O commando foi confiado ao capitão de infantaria Mario de Sousa Dias.

A marcha para o Aucongo foi na manhã seguinte, chegando-se às 9 horas e 45 minutos da manhã, tendo tido um pequeno descanso nas *cacimbas* do Chamuinde.

Homenagem às victimas de 1904

Na madrugada de 18 evacuaram-se para o Forte Roçadas os doentes e aquelles a quem o seu estado de fraqueza não permitia caminharem.

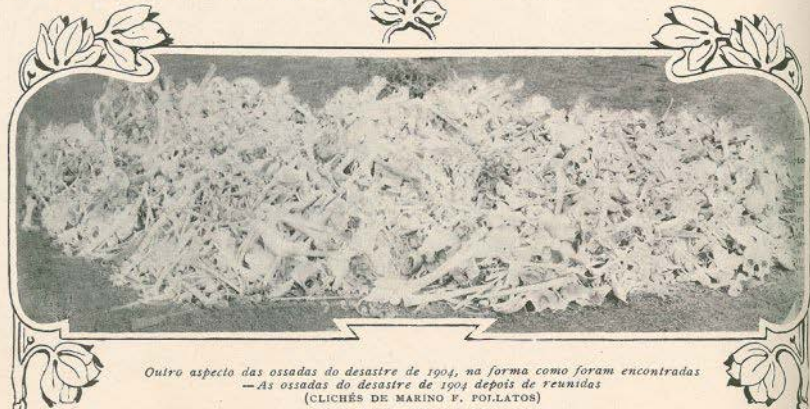
Na mesma occasião o resto da columna dirigia-se para o Valle do Pembe, onde se dera o

terrivel massacre das nossas tropas em 1904.

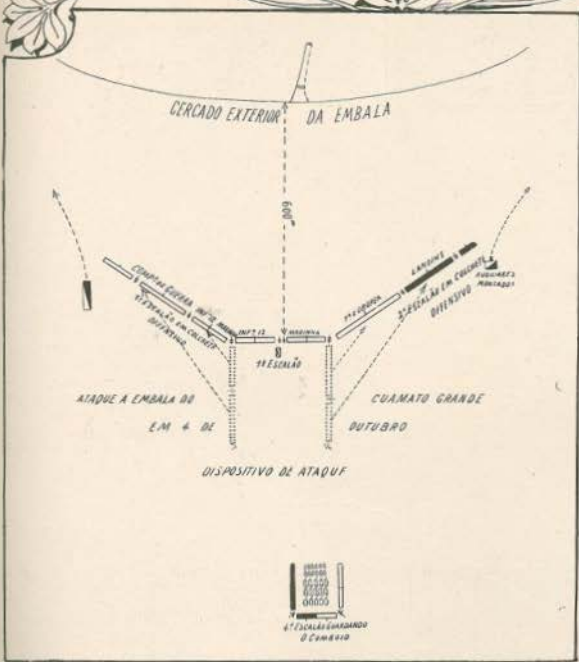
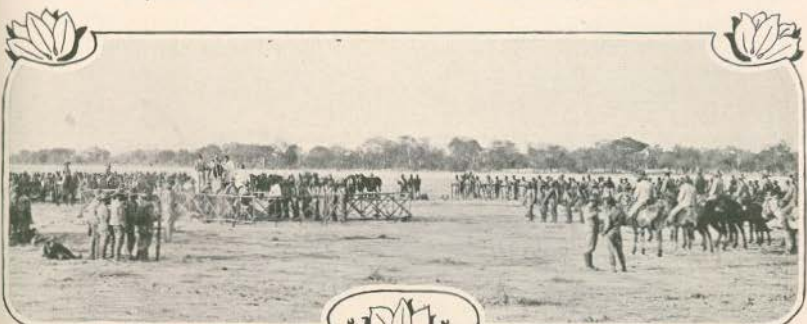
Atravessámos uma matta bastante fechada cortada de *langoas* de espaço a espaço. A manhã estava linda e a vegetação mostrava-se viçosa, sob a acção benéfica das ultimas chuvas. De tempo a tempo viamo-nos obrigados a parar, para que se abrisse caminho derrubando arvores ou cortando as ramagens das trepadeiras que se enlaçavam, como reptis, nos troncos do arvoredo, barrando assim a passagem.

Assim chegámos a uma pequena clareira, roçada de frondoso arvoredo. Antigo *arimo*, transformára-se em matagal bravo. O solo, fertilizado pela cultura da *massambala*, produzia exuberantemente os arbustos da flora africana. Perto de nós ouvimos uma voz que exclamava:

— E' aqui!



Outro aspecto das ossadas do desastre de 1904, na forma como foram encontradas
— As ossadas do desastre de 1904 depois de reunidas
(CLICHÉS DE MARINO F. POI-LATOS)



*Missa campal
no Mupilo*
(CLICHÉ DEMARING
F. POLLATOS)

Era um sargento dos dragões sobrevivente ao terrível desastre.

Então fizemos alto e começou-se reconhecendo o sitio. A um lado, os restos d'uma *libata* abandonada marcavam na paisagem uma nota de desolação. Dir-se-hia que, de ha muito, nenhum ser vivo se aventurára a vir áquelle triste logar.

A propria natureza parecia procurar occultar os vestigios de tão horrorosa tragedia sob as ramagens de arbustos frondosos. As trepadeiras tentavam esconder as táboas da antiga *libata* e as hastes esquecidas da *massambala*, elevando-as com os seus verdejantes tentaculos.

Os proprios passarinhos parecia que não mais queriam vir soltar os harmoniosos gorgeios, n'aquelle logar de luto. Reinava um silencio sepulchral n'aquelle solidão desoladora.

ALVARO PENALVA.

(Continúa).



Croquis devido ao tenente do estado maior Jorge de Mascarenhas
— Os saccos contendo as ossadas atravessando o Cunhato (CLICHÉ DE MARINO F. POLLATOS)

EXPOSIÇÃO DE ARTE FEMININA

OS TRABALHOS DAS DISCIPULAS DE

D. EMILIA SANTOS BRAGA



Retrato de mademoiselle Freitas, quadro de D. Philomena Freitas

— Cabeça de rapariga, quadro de D. Alda Santos Silva

— Estudo, quadro de D. Eitelvina Santos Silva

— Cabeça de criança, quadro de D. Isabel Ramos

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

UMA GARDEN PARTY NA QUINTA ALEGRE

O tempo tem ido aniquilando muitas delicadas tradições de velha galantaria e transformando varios habitos de vida e costumes amaveis. D'antes, por exemplo, as reuniões e as festas nas quintas dos arredores de Lisboa repetiam-se com bastante frequencia, e algumas eram mesmo afamadas pelo entusiasmo e primor que revestiam. Foram, porém, acabando aos poucos,



e a cidade pareceu ter n'um momento absorvido na sua monotonia toda a antiga elegancia e encanto das partidas campestres. As proprias quintas celebres pelo seu gosto e pela sumptuosidade das suas installações, como foram a das Lorangeiras, a de Gerardo Devisme, e tantas outras, desapareceram ou democratizaram-se banalmente. Está bem longe da nossa intenção desdenhar do progresso ou negar as conveniencias e vantagens que elle trouxe á vida contemporanea; mas, não ha duvida de que muitas coisas que se foram merecem ser recordadas com saudade.

A garden-party de ha dias na Quinta Alegre de S. Bartholomeu da



Charneca, com o seu sabor de restauração de um uso elegante imerecidamente abandonado, e que juntou na deliciosa vivenda

do sr. Antonio Luz (Coruche) um dos mais admiráveis e selectos grupos da nossa alta sociedade, constituiu, por todos estes moti-



vos, uma festa graciosa de fina e requintada recordação. O atractivo do passeio de automovel, que fez reunir em S. Bartholomeu da Charneca um tão grande numero de luxuosos vehiculos, o distincto e apurado gosto da bella casa da Quinta Alegre, a fidalga gentileza da recepção da sr.^a D. Maria de Bettencourt Luz, e o prazer do radioso dia de primavera, tudo concorreu emfim para a belleza e elegancia da encantadora festa, que as photographias que publicamos reproduzem em alguns dos seus aspectos.

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A EXPOSIÇÃO DE CARLOS REIS
NO SEU ATELIER



Retrato da sr.^a condessa de S. Lourenço—Retrato de mademoiselle Rey Colaço
—Retrato de madame Strauss—Retrato do sr. Luiz Strauss
—Retrato do sr. Thomas de Mello Breyner

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

AS CRUZES EM BARCELLOS



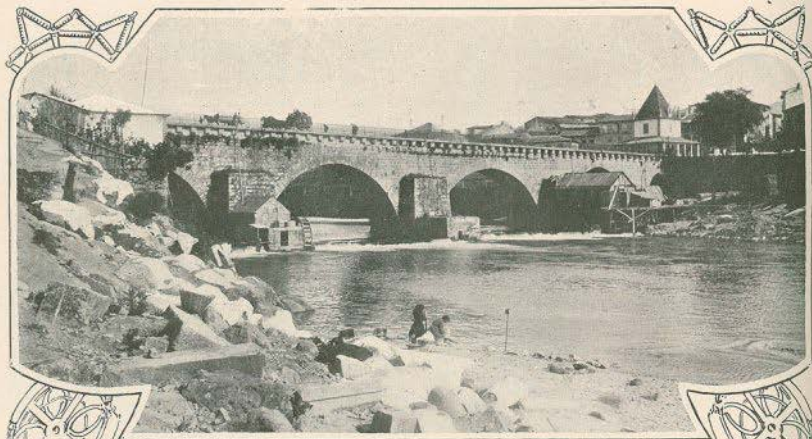
Das tres torres a que amarrava a muralha de defensam com que o I.^o duque de Bragança enfaixou Barcellos em pequenina, só uma sobrevive, rija, depennada, sem lhe faltar um unico dente á sua corda d'ameias, nem que por ella não houvesse passado a animadversão

de cinco seculos. E' a *Torre da Porta Nova*, um só corpo quadrangular, que ainda no seculo XIX ouviu os mercadores da visinhança resar o terço todas as noites, em gloria de Nossa Senhora da Abbadia, que do cimo da Porta abençoava quantos penetravam a villa por essa servidão.



Carros com promeios

—Egreja das Cruzes—



Hoje ouve apenas o grito da sentinella que guarda esse deposito de condemnados.

Contudo, velhinha como é, ainda ampara contra si casaria moça, que já vem mais fraca do que ella, e ainda no passado 3 de maio poudo comnosco ás cavalleiras, para nos mostrar a villa de Barcellos,—paciente avó levantando nos braços um netinho para lhe dar a vêr uma procição ou um panorama que a multidão encobre á tarreque do petiz.

Nos seus tempos um dos pontos do polygono envolvente, a torre é hoje o centro da terra barcellense, a melhor vigia, portanto, d'onde a retina espie as suas suavidades, lhe levante a carta chorogra-

phica da descriptiva e lhe alveje, com a flecha do enlevo, os seus contornos.

Sobe-se a escuridão presidiaria dos tres andares, trepa-se por uma escada vindimeira até o postigo recortado na sub-telha, enfia-se por esse buraco destacando com a cabeça calica e terra dos ultimos ventos, rebatendo com o corpo as teias de aranha do urdimento; e surrados, enfaruscados que nem limpa-chaminés, d'essa meia treva de porão, onde tresanda ao azedo dos carceres, ascende-se, por fim, a um desafoço de horisonte com alleluias de ceu, liberdades plainas, refugios enternecidos de montes, sêdes d'agua e sombras de latada, em torno.

Lá encarapitados, á laia de rapazio no



Ponte sobre o rio Cavado, que liga Barcellos e Barcellinhos

—A caminho da romaria



acúme de telhados em dias de desfile, entra-se a inventariar a scenographia, mão em pala, alpendrando a vista por 'môr do sol que já vae re florindo de esperanças os bordões peregrinos da vinha.

E Barcellos revela-se-nos, então, em disco, como se d'um globo de cartão traçassemos um horizonte visual para a demonstração da espherocidade da terra.

Murando o horizonte, ronda, de atalaya, uma zona peripherica, engrenada de sêros tratados e ferteis, em cujos verdes nem sempre a luz bate firme e que n'essas horas veladas perdem a sua alacridade de granjas para esmorecer n'uma diffusão que as carbonisa, inté lhes deitar ao de riba um desolador aspecto de lapa.

Desde o monte da Franqueira, ainda com pedras do seu cavalheiresco Castello de Faria, até dar no monte d'Ayró, que pranteia, na ruina do seu mosteiro de Villar de Frades, a grandeza da fé que floriu a rocha, do sul p'ró nascente vae-se riscando, pelo tino, o círculo cortical: o Bom Jesus, por cujo pendor as manhãs limpidas vêem o funicular grimpar; o Sameiro, alvejando na tradição negra da Falperra, Midões, Roriz, prometendo confiar-nos os seus segredos prehistóricos, a Alheira, o repouante valle do Tamel, Santa Leocadia, Quintiões e o Monte dos Feitos.

Parallelo ao arco que da Franqueira ao Tamel passa em Roriz, rasteja a estrada



Na feira: mercado de cestos e cestas

—Mercado de louça de barro



da Povoia e Villa do Conde, mirando-se na fradesca serenidade do Cavado.

Normal ao outro arco, a estrada de Espozende aos *s s* como cyclista novato.

Depois, nos circulos concentricos, as linhas envolvidas são de cada vez mais fixas e mais claras até verdejarem nas terras de pão, cantarem nas vergas dos bardos.

É por entre esse bucolismo que toma aqui o maior espaço, o espa-

ço sagrado que as cidades esmagam com a sua hyper-densidade populatoria e envenenam de luzes, de doenças, de trapos; por entre essa fartura agricola que em cada socalco contém uma amostra do jardim minhoto, perfurando a verdura, acotovellando arvoredos, furtando por onde quer um pouco de luz á cellula vegetal, espicham, como pescçoos, pinhas de cornijas nobiliarchicas ou brandões de cantaria sacra, beirraes melancholiccs de telhados, a cal e



Um aspecto do arraial—Um aspecto da feira.



Fachada da Camara Municipal de Barcellos

a occa das fachadas dos solares e dos corpos das torres, a apolagar o esplendor do chlorophilino mundo.

Ao acaso, circumvagando, o resto traz-se d'uma só arregaçada: as ameias do palacio municipal encostadas, na fricção da perspectiva, o panno lateral da collegiada, as quatro paredes solarengas dos condes-duques de Bragança, careadas e tristes, a matriz de Barcellinhos, a grade d'um mercado, leitos de ruas quadriculando o povoado, como pautas muito grossas, pelas quaes se vae alinhando tremulamente a casaria, já alta ás vezes, já citadina, já indistincta, já monotonamente civilisada, por onde, de quando em quando, esvoaça a pluma d'um brazão ou mesúra um arco.

Olhando a pique, como quem mede assustado a altura a que se encontra, parece lá de cima que, mesmo chegado á torre e, com effeito, a poucos metros, rumoreja a norte o chão onde outr'ora comeu um soute e que as Freiras de S. Bento e os Capuchinhos começaram, com seus mosteiros, pelo norte e nascente, a limitar em terreiro, acabado pelos senhores da camara e, pela fé popular, aquelles a sul, com o *Passeio das Obras*, — paredão de cantaria, com seus poiaes de disfructe onde a desconfança rustica bate a moeda das feiras, — a fé, ao nascente, com o octogonal templo de Santa Cruz.

Entre esse chão e a *Porta-Nova* armava Barcellos, nos seus principios, as tendas de sua feira semanal que cabia aqui a um canto, agachadinha ao pé da torre; depois, a villa cresceu, a população do termo inchou, a per-

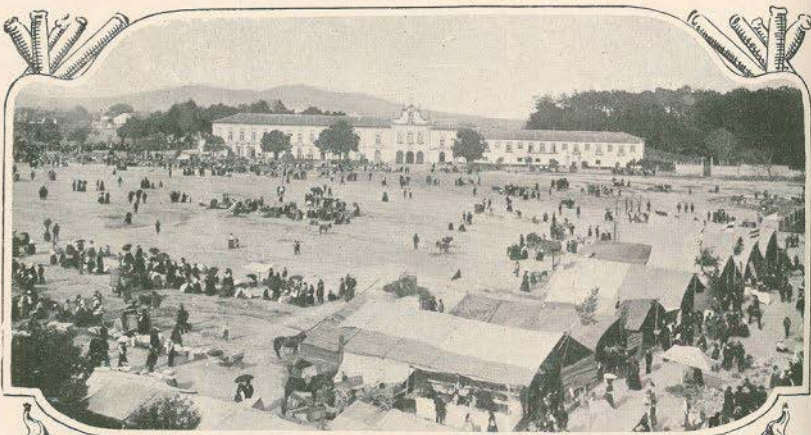
muta entrou tambem a botar corpo e o municipio gisando um chafariz — a taberna dos burricos, — no centro do campo já desassombrado de castanheiros, passou para lá a feira.

Assim se fundou o *Campo da Feira* que só as quintas feiras de cada semana edificam e povoam, trazendo-lhe a animação do seu gado, a candura da sua olaria, o sympathico archaismo dos seus aprestos de ferro para cosinha e lavoura, o colorido ingenuo das suas mantas de farrapos, o appetite das hortaliças e a fartura cerealifera, em machos ou em carros de bois que, desajugados e vasio, de vara ao alto, se perfilam n'um alinhamento marcial de carros boers, guarnecendo a face d'um bivaque.

E' o dia grande, o S. Miguel, o festival e o inferno de Barcellos: dia em que se compra e se vende para a semana toda, em que o medico cura por informações o doente que ficou na aldeia, em que se consulta o advogado e se vae á fazenda, á camara, á parochia, o dia de feira, emfim, identico no paiz e igual em todo o Minho.

Mas estamos a um domingo de maio, incendiado por um calor de pyra, e o *Campo da Feira* vae partilhado de barracas de *comes e bebés*, de summarias lojas de tamancos, de mezas de cotins e montes de ferragens, entremeados com manadas de carga e tiro e de vehiculos, desatrelados, de muscu.

Uma unica vez no anno isto zssucede: na *Festa das Cruzes*, em que a fraqueira do mercado agricola e coberta pelo esplendor rustico dos



Campo da Feira, tendo ao fundo o edificio da Misericórdia

plyntos e aranholas de illuminação, em que não falta povo, nem generos, nem poeira, nem rebolição, nem mosca fresca abundantemente chegada pela manhã no cangote dos bois e na crina dos machos, mas em que o campo tem mais o ar de romaria do que de feira, d'onde a gente se levanta para ir, nós o vemos d'aqui, ajoelhar a Santa Cruz.

Foi justamente n'este campo e no chão sagrado d'este templo, que ha cinco seculos o sapateiro João Pires teve a visão de uma cruz preta «de tres covados e meio em comprido, e dous covados e tres quartos em ancho, e de largura a quadra d'ella de um palmo, e em todo por equal.» (1)

«O povo cavava, tirava a terra e logo a cova se tornava a encher.»

Ha quem olhe a apparição das cruzes — que o povo não quer que haja sido uma, antes muitas, — como cruzamentos de veias anegradas d'argilla schistosa, carregada em geral no escuro, e de mediana dureza. Vêem apenas, n'estas veias anegradas, ramificações concomitantes dos schistos carbonosos do sitio da Terra-Negra, a que atravessa a estrada publica entre Braga e Porto.» (2)

(1) *Tratado Panegyrico em louvor da Villa de Barcellos por rezam do apparecimento de Cruzes que n'ella apparecem*, por fr. Pedro, de Poyares.

(2) *Relação Historica do que fizeram os moradores de Barcellos, desde o dia em que na villa aclamaram D. João IV até o ultimo de janeyro de 1642*: pelo licenciado Manuel da Rocha Freire, precedida d'uma noticia por Pereira Caldas. — Raridade bibliographica, manuscrito do seculo XVII, impresso em Braga, no anno de 1871.

O povo, na apparição das cruzes, viu Deus.

E logo defendeu e floriu esses covados de terra, com uma cerca de pedrinhas meudas que o *Maricoto de Cima de Villa* devotamente alumiaa ás Trindades.

A fama do milagre correu, allemos, os crentes do phenomeno foram fazendo monte, e, amontoando-se, foram as pedras do muro até á altura d'uma ermida, subindo até á pripianha d'uma egreghina, ascendendo até esse actual zimborio de Santa Cruz, vindo a ser hoje, a crenga das cruzes, de pedra e cal como o mesmo templo.

A ella se reduzem as romarias do concelho, a ella se reportam todos os anniversarios, tenções e projectos da familia rural.

Com ella se gastam as economias da colheita e com ella se apegam dôres de entevados e sonhos de moços.

O Solar dos Pinheiros, as ruinas dos Paços de Bragança, o berço de Nun'Alvares cujas armas da testada humilde a cal criminosamente obturou, os capitães da Collegiada e os azulejos do Terço, — todos esses milliaros da historia barcellense, o concelho e cumvisinhanças ignorará.

Agora que, n'uma dada sexta feira, Nosso Senhor traçou com seu dedo omnipotente o symbolo do seu martyrio, isso não ha velho nem novo que o não saiba, o não creia e o não venere.

E' expressamente para beijar os pés do Senhor da Cruz, que as cachopas, cujos pés nunca sofreram o captiveiro de uma malha d'algodão, ao chegarem á barreira, posuam os cestos



de quatro azas para calçar umas meias brancas; que os mancebos de tres districts, mal luziu o buraco, deitaram a jaqueta e a vara ao hombro; que se perdeu o amôr a umas corças, se assassinou muito gallo e immolou muito cabrito.

E para as *Cruzes* ficaram adiados passeios, folgedes, marendas, ofertas de gado e pedidos de amôr.

Estrada de Espozende em lóra, a ma-

nhã encontra já o Minho todo, direitinho a Barcellos: as eguas dos abbades, já de barba feita, missinha no papo, *char-à-bancs* com seus tejadilhos a tremelicar como coifado de velha, bandos campestres com jardins desabrochando de cada lenço, cyrios pagãos de viannezas e de mulheres de *Villar do Cunha*, d'oval judio e olhos gulosos, chacoteando o trajecto com sua dança de roda e tanger de adufe, primavera



Margens do rio Cavado
—Ornamentações na rua Direita



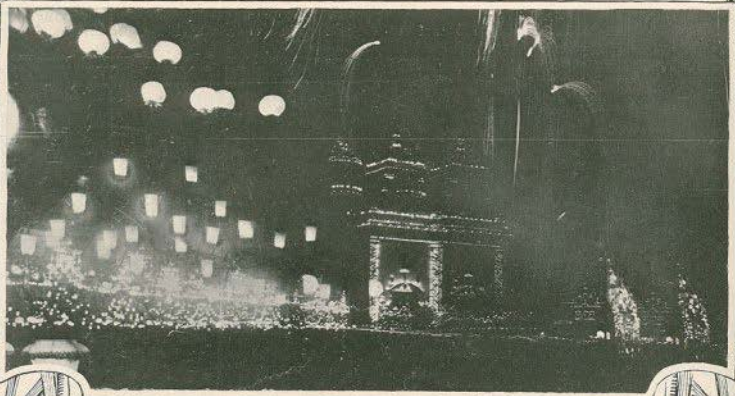
nos trajes e estival nas vozes, encanecendo ao pô, rejuvenescendo á luz. Até o meio-dia, no Campo da Feira ainda se mercancia.

Mas ninguém tem socego para feirar! e ao dar das doze badaladas, as vendeiras são as primeiras que levantam a feira, põem o estabelecimento á cabeça das moças, saem para o termo com o

Depois é orar e amar.

A praça de touros, est'anno hasteada, o festival nocturno do jardim, o cortejo allegorico, e por signal que alegre — talvez o melhor numero dos tres dias das *Cruzes* — fica p'ros *casacas*, p'ros dos automoveis e das luas.

Aos *iaquetas*, á aldeia, ao romeiro que se preza, basta uma visitaçao a Santa



Na tourada: *sombra lado esquerdo*—A illuminaçao na igreja das *Cruzes*
(CLICHÉS DE CARLOS PEREIRA CARDOSO)

cesto da fatiota festeira, e, chegadas a qualquer ansa do caminho, despem-se, vestem a melhoria, expõem as inculcas e os grillhões, calçam-se e dão, então, entrada na villa como romeiras, com uma pompa que o *Campo* nunca viu, nem mesmo em certo sabbado do seculo XVIII, em que, para o esplendor do seu mosteiro, por elle passaram liteiras das freiras de S. Bento.

Cruz, uma vista d'olhos pelo *Campo da Feira*, uma merendola e o derriço.

O Bom Jesus da Cruz e o rei de Portugal, contando os pares que as *Cruzes* vão abençoando, do meiodia em diante, já pôdem contar quantos feis e quantos vassallos mais terão d'ahi a dez ou onze mezes.

Nascido do amor d'um Deus, o milagre gera o amor d'um povo.
1908 JOAQUIM LEITÃO.

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGÉ Successores

FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulares a preços reduzidos e com itinerário à vontade dos viajantes na SUÍSSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA, etc. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte (o Sol á meia noite). Viagens ao Egypto e á Terra Santa. Passagens para o Brazil e Rio da Prata. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

**ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE**

A. HOUDE, 29, Rue Albouy, Paris, C

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco. — Preços de J. Castello Branco. — Preços de J. Castello Branco. — Preços de J. Castello Branco.

Excepções. Grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grand' deposito de discos e machos falantes. — Pegar catalogos. J. Castello Branco, R. de S. Antão, 32, 34 e 82 Lisboa.

L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA

prepara a ser empregada. Resultado garantido

Permanente, dissolve instantaneamente as pennugens desengracadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle mais delicada. — A. GRAZIANI, Pharm' de 1^{re} classe 63 Rue Rambuteau, Paris. 11, 12 e 13. Portugal: CURIEL & DELGANT, 19, R. do Arco e Jesus, Lisboa. Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

ESGROFULA * CHLORO-ANEMIA
Authenticas (de Paris)
PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Producte
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)
XAROPE DE BLANCARD
40, Rue Bonaparte, Paris (France).
LYMPHATISMO * DEBILIDADE

o passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisyonomista da Europa
MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e phisignomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, rancez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobre-loja — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 rs. e 5\$000 rs.

PRINCIA VIOLET
NOUVEAU PARFUM
29, Bd DES ITALIENS, PARIS



Somatose
Reconstituinte de primeira ordem.
Estimula fortemente o appetite.
Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

BAUME BENGUÉ
Cura Totalmente
**RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS**
D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhã os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo os desaparecer completamente.

Loção, Crème e PÓ KLYTIA

instruções para o seu emprego

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabelleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecçfona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

Só não tem cabelo nem barba quem quer!



FAZEMOS NASCER cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 30 dias. Garante-se que não nocivo. Remette-se com toda a discreção.

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **Balsam Mootoy** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde!

Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia é o nosso **Mootoy** conhecido e apreciado. Pôde-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o **Mootoy** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2 porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vem um certificado de garantia pelo qual se obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador 300\$000 (trezentos mil réis).

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootoy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

A's praças do exercito do ultramar só se envia o **Mootoy** se a ordem vier acompanhada do respectiva quantia em cheque sobre o Banco ou fir expedida por casas exportadoras de Hamburgo.

MOOTOY DEPOT, Dilmar Koelster, 3, Hamburgo, 133. O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.

Grape-Nuts

O alimento racional — Reconstituinte cerebral

Não precisa ser cozinhado
Toda a gente deve experimentar

PEDIR NAS BOAS MERCERIAS, PHARMACIAS E PASTELARIAS

POSTUM CEREAL C.º U. E. A.
DIREÇÃO EM PORTUGAL

ESTEVES & ANAHORY

Rua de S. Nicolau, 71, 2.º
Teloph. 1953

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

Concurso de 1908

IMPORTANTE

Tendo apparecido alguns coupons falsos, cuja proveniencia por enquanto ignoramos, imitando os actualmente em publicação no **Seculo**, **Illustração Portugueza** e no **Supplemento Humorístico**, avisamos todos os nossos leitores e pessoas que se habilitam para o Concurso de 1908 do que, no seu proprio interesse, deverão preferir sempre os coupons tirados d'aquellas publicações a outros que porventura lhes possam ser offerecidos por preços vantajosos, condição esta que por si só, devia ser motivo para se duvidar da sua authenticidade.

O **Seculo**, ao distribuir os valiosos e innumerados premios do actual Concurso, fará um demorado exame a cada uma das cadornetas apresentadas, as quaes **SÓ TERÃO VALIDADE DESDE QUE NÃO CONTENHAM COUPONS FALSIFICADOS.**

O **Seculo** vai indagar a procedencia dos coupons falsos, que alguém, com intulos garantancios, vende por preços inverosímeis, e procederá judicialmente contra os falsificadores.